

RELAÇÕES ENTRE URBANIZAÇÃO E EDUCAÇÃO ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE ESPERANTINA, NO PERÍODO 1960/1980¹

Emília Maria de Carvalho Gonçalves Rebêlo²

resumo

O presente texto trata das relações entre urbanização e educação escolar no município de Esperantina, no período 1960/1980, as quais existiram, tanto pelos serviços desse tipo de educação localizados na sede municipal - condicionando a extração, pela cidade, de fluxos migratórios do campo -, quanto pelo trabalho pedagógico da educação escolar que, inculcando nos educandos a cultura urbana, condicionou a decisão de permanência na cidade, da maioria dos alunos imigrantes.

abstract

The present text treats of the relations between urbanization and school education in the municip of Esperantina, in the period of 1960 up to 1980, which existed, so much by the services of these kind of education located in the municipal seat - conditioned to the extraction, by the city, of migratory flows of the countryside -, as by the pedagogic work of school education that insighting in the educatings the urban culture, conditioned the decision of staying in the city, from most of the immigrant students.

Ao longo de dez anos (1976-1985) exerci o magistério em Esperantina, na Unidade Escolar "José Nogueira de Aguiar", escola pública estadual de 2.^o grau³, localizada na sede municipal, que oferecia a sua clientela o curso pedagógico.

Trabalhando com as disciplinas Geografia, Estudos Regionais: Piauí e Metodologia dos Estudos Sociais, pude observar que o corpo discente da escola era formado, em sua maior parte, por imigrantes procedentes de zona rural. No diálogo estabelecido com os alunos, ao longo das aulas e horas de recreação, foi-me possível detectar características do seu movimento migratório para a cidade de Esperantina em busca dos serviços de educação. Observando esse movimento, notei que a maior parte das migrações eram temporárias intra e inter-municipais diárias, ou não. Tinham relevância as migrações em que se

1 - Este texto reproduz, de forma sintética, dissertação de mestrado defendida em agosto/1997 junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da UFPI.

2 - Professora do Departamento de Geografia e História da Universidade Federal do Piauí. Mestra em Educação pela UFPI.

3 - Atual ensino médio.

deslocavam para a cidade apenas estudantes (para casa de parentes, de amigos, alugadas, ou próprias) enquanto seus pais ficavam no campo. Por isso, durante as férias escolares, muitas casas da cidade ficavam fechadas. Percebi, porém, que a quase totalidade dos alunos egressos da Unidade Escolar "José Nogueira de Aguiar" não retornava a sua localidade de origem, tornando-se, assim, moradores permanentes da cidade de Esperantina, o que caracterizava uma migração definitiva no sentido campo-cidade.

No período daqueles dez anos, pude observar de perto o crescimento da cidade, projetando-se como centro irradiador de influência sobre expressiva área extramunicipal, organizando a articulação espacial através de malha viária convergente para ela, o que facilitava a distribuição de bens e a prestação de serviços à população de sua hinterlândia. Dentre os serviços instalados na sede municipal naquele período, destaco os de educação, com a criação de um curso ginásial⁴, em 1961, e do 2º grau de ensino (curso pedagógico), em 1976.

As observações desenvolvidas, tanto na prática do magistério, quanto em relação ao crescimento da cidade, levaram-me a refletir sobre as relações entre urbanização e educação escolar no município de Esperantina, no período 1960/1980. Esse corte cronológico decorreu da criação do curso ginásial na década de 60 e do curso pedagógico na de 70, associada ao grande crescimento urbano do município, nesse espaço de tempo. A reflexão conduziu-me a definir aquelas relações como objeto de estudo ao qual me lancei observando que nele se interrelacionam dois processos antigos e complexos da vida da humanidade - a urbanização e a educação.

A urbanização, segundo Sjoberg (1972), iniciou-se por volta de 3.500 a.C., na Ásia, expandindo-se para os outros continentes e permanecendo até nossos dias, apresentando no Brasil de hoje aceleração acentuada.

No estudo, a urbanização foi entendida como processo de natureza sócio-econômica que se traduz pela organização diferenciada, porém combinada, dos espaços da cidade e de sua região de influência, sendo uma de suas concretizações mais visíveis, o crescimento da população urbana em detrimento daquele da população rural, motivado em parte por fluxos migratórios com destino na cidade e origem em sua hinterlândia.

A educação, processo mais antigo que a urbanização, pode-se dizer que nasceu com a humanidade. Praticada em todas as sociedades humanas, a educação, ao longo da história, deixou de ser atividade exclusivamente familiar, para ser realizada também em outros espaços como na igreja, na roça, na

4 - O curso ginásial da época corresponde às 4 últimas séries do atual ensino fundamental.

oficina, até chegar à escola - lugar privilegiado dessa atividade humana -, onde ela é praticada por profissionais com formação específica para isso - os professores -, como frisa Brandão (1984).

É dessa educação praticada pelas escolas, que tratei no objeto de estudo trabalhado e, embora reconhecendo seu conteúdo bastante amplo, considere-a como processo didático que proporciona aos educandos a aquisição de hábitos expressos por formas comportamentais específicas de participação na vida em sociedade.

A experiência que vivi em Esperantina levou-me a levantar hipóteses sobre as relações entre a urbanização e a educação escolar nesse município, das quais duas se tornaram principais. A primeira delas é a de que a concentração dos níveis mais elevados e de melhor qualidade dos serviços de educação na sede do município de Esperantina, constituiu-se num fator significativo para o grau de urbanização que o município atingiu no período 1960/1980, sendo um dos elementos que tornaram aquela cidade capaz de atrair fluxos migratórios intra e intermunicipais. A segunda hipótese está ligada à primeira e diz respeito à suposição de que os hábitos formados na população escolarizada pelo trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas, foram parcialmente responsáveis pela permanência da população imigrada na cidade - especialmente a de procedência rural - em virtude desses hábitos levarem à construção de comportamentos próprios do contexto citadino, fazendo com que esses alunos imigrantes não mais consigam se adaptar ao contexto rural de onde vieram.

Elaboradas essas hipóteses, objetivei em primeiro lugar, demonstrar até que ponto a procura dos serviços de educação ofertados pela cidade de Esperantina contribuiu, como fator de atração, para o direcionamento de fluxos migratórios intra e inter-municipais, no período 1960/1980 e, em segundo lugar, evidenciar a influência da educação escolar sobre imigrantes chegados à cidade de Esperantina no período estudado, quanto à decisão de ali fixarem residência.

Mas, para encetar a investigação, busquei referenciais teóricos a fim de entender o problema do objeto de estudo. Tendo em vista a complexidade desse objeto, os referenciais abrangeram autores de diversas áreas do conhecimento.

A compreensão do processo de urbanização esperantinense tornou-se possível para mim principalmente através das teorias do economista Paul Singer (1977) e dos geógrafos Maria Encarnação Beltrão Sposito (1988), Milton Santos (1979, 1982) e Roberto Lobato Corrêa (1989, 1990), os quais destacam a intrincada relação desse processo com as estruturas econômicas, políticas e sociais.

Singer e Sposito (op. cit.), estudando a evolução do processo de

urbanização no mundo ocidental, analisam-no desde o surgimento da cidade até sua consolidação como o espaço da modernidade, gerador de outros espaços, a partir da evolução tecnológica que tornou possível e continua proporcionando a articulação espacial, cada vez mais intensa e complexa, através de redes de comunicações de diferentes tipos e níveis. Destacam que o aparecimento da cidade só foi possível a partir da divisão da sociedade em classes, enfatizando que a urbe é o espaço por excelência da classe dominante e, portanto, o espaço do poder. Acentuam que a industrialização trouxe mudanças significativas no processo de urbanização, acelerando-o nos países desenvolvidos, pela concentração nas cidades, de população e atividades econômicas, o que leva à criação de desigualdades regionais que, para Singer (op. cit.), constitui-se o principal motor das migrações internas com destino nas áreas urbanas.

Para Santos (1979), o aceleramento do processo de urbanização também aconteceu em países subdesenvolvidos, a partir da Segunda Guerra Mundial, espacializando-se de forma desigual no tempo e no espaço, porém atingindo áreas pouco ou quase nada industrializadas desses países, como é o caso do Brasil e, dentro dele, o estado do Piauí e o município de Esperantina. Tal fato, como explica esse autor, se prende à modernização tecnológica operada não só nas áreas industrializadas, mas também naquelas onde a industrialização não ocorreu.

Santos (1982) esclarece que, no caso do Brasil, a articulação do espaço nacional através do desenvolvimento da rede rodoviária - especialmente -, a partir de 1950, embora apresentando variações tanto no tempo, quanto no espaço, desembocou num "fervilhamento urbano" que muito se diferenciou da estabilidade relativa da urbanização dos países desenvolvidos.

Esse "fervilhamento urbano" se traduz na proliferação de pequenas cidades - as "cidades locais", das quais Esperantina foi um exemplo - e na concentração populacional nas grandes cidades, caracterizando a primazia de uma cidade sobre as demais nas diversas redes urbanas do país. No Brasil, é evidente a posição primacial da cidade de São Paulo na rede urbana nacional, enquanto no Piauí a cidade de Teresina tem primazia sobre os demais centros urbanos estaduais.

Analisando a organização do espaço através da rede urbana, Corrêa (1990, 1989) destaca que as cidades se diferenciam quanto às suas funções de distribuição de bens e serviços. Ressalta ainda, como também Sposito (1988), que existe uma hierarquia urbana, decorrente da hierarquia dessas funções, fazendo com que as cidades tenham maior ou menor área de influência dentro da rede.

No caso de Esperantina, no período 1960/1980, a oferta de bens e

serviços por sua sede - especialmente dos de educação -, ampliou a área de influência do município, tornando possível sua ascensão hierárquica, evoluindo de "centro local" para "centro de zona". Constatei que a cidade, naquele período, atraiu fluxos migratórios dos municípios de Batalha, Joaquim Pires, Porto, Matias Olímpio, Luzilândia, Barras e Buriti dos Lopes, predominantemente. E esse fluxo migratório dirigiu-se à cidade, especialmente em busca dos serviços de educação escolar ali sediados.

Para o entendimento da educação escolar como fator de urbanização, encontrei maior fundamentação teórica em Bourdieu (1982, 1974), Passeron (1982), Gramsci (1985) e Paulo Freire (1981), cujas teorias fizeram-me ver as relações da educação escolar brasileira com as classes e grupos sociais dominantes, inculcando nos educandos, hábitos e valores próprios do contexto citadino.

Bourdieu e Passeron (op. cit.) entendem a educação como reprodutora da estrutura da sociedade, isto é, de suas desigualdades sociais.

Esses autores destacam o caráter da "violência simbólica" da educação que constitui o cerne da ação pedagógica de todas as instâncias educacionais de uma sociedade. Essa violência se opera em dois sentidos: primeiro, porque é condicionada pelas relações de forças entre os grupos ou as classes sociais que formam uma sociedade; segundo, porque seleciona e reproduz valores do arbitrário cultural do grupo ou classe social dominante, contribuindo, assim, para a reprodução das relações de força sobre as quais se baseia.

Na teoria da educação de Bourdieu e Passeron têm grande importância os conceitos de "capital cultural" - que eles entendem como competência cultural e lingüística, herdada socialmente - e de *habitus* - que, para eles, são predisposições sócio-culturais, ligadas às classes sociais, cujo aprendizado garante a permanência de um arbitrário cultural traduzida em formas de comportamentos duráveis, uma vez que perduram mesmo depois que a ação pedagógica tenha cessado.

O trabalho escolar visa confirmar hábitos pré-existentes ou substituir esse hábitos por outros mais condizentes com o arbitrário cultural que deve ser inculcado nos alunos. O arbitrário cultural da classe dominante, por seu conteúdo, impõe ao trabalho pedagógico a inculcação de hábitos próprios do contexto social citadino. O alunado que emigra do campo já traz o embrião do arbitrário cultural da cidade, pois as escolas da zona rural integram o sistema de ensino e, portanto, inculcam o arbitrário cultural dominante. O trabalho pedagógico nas escolas urbanas vai, paulatinamente, substituindo hábitos característicos do contexto rural por outros condizentes com o contexto urbano.

Assim, mesmo portando desigualdades em relação ao capital cultural - alunos de diferentes grupos ou classes sociais - e ao meio do qual provêm - cidade ou campo - o produto final do trabalho pedagógico tende a ser - embora com diferenças no êxito escolar entre alunos - a interiorização do arbitrário cultural dominante. Nesse sentido, a educação desempenha papel relevante na urbanização das pequenas cidades, uma vez que, de posse do arbitrário cultural dominante, os alunos emigrados do campo passam a interpretar a realidade pela ótica da cidade, não retornando, assim, ao seu contexto de origem, já que esse não responde mais aos seus novos hábitos. Isto aconteceu com mais de 95% dos alunos naturais ou procedentes de zona rural, que foram contactados durante a pesquisa que subsidiou o estudo.

O trabalho escolar conduz, assim, à urbanização pela "invasão cultural" dos dominados pelos dominantes, como acentua Freire (op. cit.), impedindo a inserção crítica dos primeiros na realidade, os quais acabam introjetando a "cultural metropolitana", tornando-se cidadãos urbanos.

Gramsci (op. cit.), ao propor uma escola hierarquizada no espaço e no conteúdo defendia o ensino voltado para as realidades locais e para a contra-ideologia, objetivando, como Freire (1981), a inserção dos dominados na interpretação crítica da realidade.

No Brasil, entretanto, apenas práticas pedagógicas isoladas caminham por uma linha crítica da educação. A nível de sistemas educacionais a educação escolar tem-se desenvolvido até agora como prática reprodutora da sociedade de classes, funcionando como fator de urbanização.

À luz dos referenciais teóricos realizei pesquisa de campo, no município de Esperantina, no período de agosto de 1995 a fevereiro de 1996 - de forma concentrada -, estendendo-se porém, em relação a alguns aspectos, até o final desse último ano.

A pesquisa abrangeu três elementos envolvidos no problema em estudo - alunos, famílias imigradas e rede escolar.

Os alunos eleitos para compor o universo da pesquisa foram os que integraram a clientela da Unidade Escolar "José Nogueira de Aguiar", no período 1976/1980, constante do corte cronológico do estudo. Escolhi-os em virtude de eles terem cursado todos os níveis de ensino oferecidos pela rede de educação escolar instalada no município. Sendo assim, a ação pedagógica do trabalho escolar, contribuindo (ou não) para a resolução desses alunos permanecerem na cidade, não mais retornando ao local de origem após a conclusão dos estudos, poderia, a meu ver, ser melhor observada neles, pois foram os que se submeteram, durante mais tempo, ao trabalho escolar.

O número previsto de alunos a serem contactados era de 770.

Entretanto, no decorrer da pesquisa, constatei que 13 deles já haviam falecido. Dos 757 alunos restantes, não foi possível - por motivos diversos - contactar 135, o que restringiu o universo para o total de 622 discentes. É preciso esclarecer que o contato com os alunos nem sempre foi direto. Como parte deles não residia mais em Esperantina, as informações sobre muitos desses foram prestadas indiretamente, através de pais, irmãos ou outros parentes.

As famílias imigradas, componentes do universo de pesquisa, foram entrevistadas na pessoa de seus chefes ou pais, em número de 150. Quero ressaltar que os 150 pais foram escolhidos de forma aleatória, sendo exigida apenas a condição de imigrante, cuja chegada à cidade de Esperantina tivesse ocorrido no período 1960/1980.

Quanto à rede escolar, o estudo abrangeu tanto a estadual quanto a municipal e a particular, através do levantamento de dados junto à Secretaria Municipal de Educação, às direções das unidades escolares em funcionamento na sede municipal, no período da pesquisa, e a informantes.

Analisando, à luz da fundamentação teórica, o material coletado durante a pesquisa, cheguei a algumas observações conclusivas que passarei a expor.

Verifiquei que as relações entre urbanização e educação escolar no município de Esperantina, no período 1960/1980, manifestaram-se: 1º.) nas mudanças observadas na organização do espaço municipal - em sua totalidade urbano/rural; 2º.) na capacidade que a cidade evidenciou de atrair fluxos migratórios pela distribuição de serviços e bens a populações externas a ela; 3º.) na permanência de fluxos imigrados na zona urbana; 4º.) na incapacidade, manifestada pela cidade, de reter todos os migrantes que para ela se dirigiram.

A ampliação e a diversificação dos serviços - especialmente dos de educação - na sede do município de Esperantina ocorreram num contexto maior de mudanças em que se destacou a ampliação das redes viárias intra e intermunicipal e do comércio da zona urbana. A ampliação das redes viárias deslocou o maior volume de relações comerciais do município de Esperantina - que antes se faziam com Parnaíba - para Teresina e Fortaleza, enquanto que o comércio da zona rural - com grandes lojas, de igual ou maior porte que as da cidade, localizadas nas rotas comerciais que ligavam Esperantina a Luzilândia e Parnaíba - nas décadas de 30, 40 e 50, perdia importância ou fechava suas portas.

Ao lado das mudanças do comércio, ocorreram na zona urbana, em termos de serviços, duas outras extremamente significativas: a criação do curso ginásial, em 1961 - que repercutiu de forma decisiva na explosão demográfica ocorrida no município, na primeira década do período estudado, quando, a partir de dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística), verifica-se que Esperantina apresentou taxa de urbanização da ordem de 106,40%, superior às do Brasil e do Piauí - e a instalação do curso pedagógico, em 1976 - condicionando o crescimento demográfico da segunda década estudada, em que o município apresentou taxa de urbanização igual a 60,57%, também, superior às do Piauí e do Brasil.

Esse crescimento refletiu-se concretamente na reorganização do espaço municipal. Enquanto a cidade crescia ampliando seu centro, bairros e a oferta de bens e serviços, a zona rural via sua população diminuir a cada censo em relação à urbana. Se em 1960, a população urbana representava 21,77% da população total do município, em 1980 esse percentual se elevava para 42,14%, evidenciando a urbanização crescente do município que, em 1996, já possuía 54,32% de sua população residindo na sede municipal.

A criação do curso ginásial na zona urbana aprofundou as desigualdades existentes entre a cidade de Esperantina e sua hinterlândia, no tocante aos serviços de educação, criando, nos habitantes desta, a necessidade de usufruir esses serviços, pois, à época, a zona rural do município só possuía 25 escolas e, nenhuma, com a 4ª. série sequer. Além disso, eram escolas com classes multisseriadas em que alunos de várias séries assistiam aula conjuntamente, o que prejudicava a qualidade do ensino. De mais a mais, nas cidades da região, só Luzilândia e Barras possuíam ginásio, mas não eram gratuitos, como o de Esperantina. A instalação do curso pedagógico realimentou essa necessidade, dando continuidade ao processo migratório para a cidade, acelerado a partir da criação do ginásio, porque, mais uma vez se aprofundaram as desigualdades entre Esperantina e sua região de influência, já que em nenhum outro município limítrofe havia curso de 2º. grau.

Sendo assim, impõe-se a conclusão de que o aprofundamento das desigualdades entre os espaços urbano e rural no município de Esperantina no período 1960/1980 pela oferta de bens e serviços - especialmente dos de educação - localizados na sede municipal refletiram-se na organização de seu espaço urbano-rural, evidenciando relações entre urbanização e educação escolar.

Esse aprofundamento das desigualdades regionais no município de Esperantina enquadra-se nas teorias de urbanização de Singer (1977), enquanto a oferta de bens e serviços pela cidade e a necessidade de consumo, cada vez maior, das populações por ela servidas, estão de acordo com as teorias de Corrêa (1989, 1990), Sposito (1988) e Santos (1979, 1982).

A pesquisa revelou que, no período em estudo, a educação escolar era vista como requisito para ascensão econômica e social, o que levou famílias a migrarem para a cidade de Esperantina, onde os serviços desse tipo de

educação ofereciam níveis e qualidade suficientes para atender aos seus anseios de educar os filhos.

O exame da composição da clientela da Unidade Escolar “José Nogueira de Aguiar” por categoria migratória, mostrou que dos 622 alunos contactados, 398 eram imigrantes e 83 eram migrantes diários, sobrando apenas 141 para a categoria não migrantes.

Essa situação revela a força de atração dos serviços de educação no período pesquisado, quando 77 alunos se deslocavam diariamente da cidade de Batalha para a de Esperantina, mal agasalhados na carroceria de um caminhão - onde tábuas faziam as vezes de bancos - e 6 outros vinham de bicicleta da zona rural dos dois municípios.

Do universo pesquisado, 116 chefes de família e 338 alunos haviam emigrado do campo, sendo que, desses alunos, 332 eram imigrantes e 6 eram migrantes diários. Tal fato demonstrou que a cidade de Esperantina exercia - durante o período pesquisado - maior atração, sobre habitantes de áreas rurais.

Do contingente procedente do campo anotei que se sobressaíam os pequenos proprietários rurais, seguidos pelos não proprietários, na pesquisa, representados, ambos, por chefes de família e por alunos filhos de pais pequenos ou não proprietários rurais. Esses dados evidenciaram que os médios e grandes proprietários rurais enviavam os filhos para estudar, preferentemente, em cidades maiores como Parnaíba, Teresina e Fortaleza.

Quanto ao motivo que levou chefes de família e estudantes a elegerem a cidade de Esperantina para destino da migração, comprovei que a grande maioria dos alunos imigrantes (84,44%) escolheram-na “para estudar”, enquanto que mais da metade dos pais (54,67%) o fizeram pela busca dos serviços de educação escolar para seus filhos ou para si. É preciso lembrar aqui que a totalidade dos migrantes diários também tinha como motivo da migração a educação escolar.

Assim, impõe-se a conclusão de que as relações entre urbanização e educação escolar, no município de Esperantina, no período 1960/1980, evidenciaram-se por terem sido esses serviços, o principal motivo de atração de fluxos migratórios - intra e intermunicipais - para sua sede, que teve a área de influência sensivelmente ampliada, para além dos limites municipais; o que a tornou um “centro de zona”, vale dizer: a cidade de Esperantina ascendeu na hierarquia urbana.

Essa maior capacidade de atração sobre fluxos migratórios e a mudança de grau hierárquico se coadunam com as teorias sobre rede urbana de Corrêa, Sposito e Santos (op. cit.).

No processo de análise dos dados colhidos em campo, percebi também que as relações da urbanização com a educação escolar no município de Esperantina tiveram outra via de expressão, que foi a permanência da maioria dos imigrantes na sede do município, o que contribuiu para o crescimento da cidade.

Tendo em vista que a educação escolar tem, basicamente, seu conteúdo voltado para a cultura dominante na sociedade - cultura que é nitidamente urbana -, ela atua no sentido de formar nos educandos hábitos e valores próprios do contexto citadino. Esse hábitos expressam-se por comportamentos dos educandos que, por sua vez, influem nos familiares não freqüentadores da escola. Dessa forma, a educação escolar contribui diretamente (agindo sobre os alunos) e indiretamente (pela atuação dos alunos sobre seus familiares) para a fixação de fluxos migratórios às zonas urbanas, pois, a partir da mudança de hábitos e valores provocada por essa educação, a interpretação da realidade adquire novos contornos, passando a ser feita pela ótica da cultura urbana. É assim que os imigrantes não retornam à zona rural, por não se adequarem mais ao modo de vida dela.

Dos alunos contactados - imigrantes e migrantes diários -, 371 eram naturais ou procedentes de zona rural. Nessa zona, no município de Esperantina, a rede escolar, toda ela municipal, teve início na década de 40 quando foram instaladas 8 escolas. A criação de 17 escolas na década de 50, 4 nos anos 60 e mais 51 de 1970 a 1980, elevou para 81 o número de escolas dessa zona. Porém, 11 delas foram desativadas, restando 70 em funcionamento quando se fechou o corte cronológico da pesquisa, no ano de 1980.

É preciso salientar, porém, que a qualificação de seus professores havia melhorado, uma vez que o Projeto Logos II qualificara 47,53% deles, enquanto 8,91% já possuíam o curso pedagógico.

Sendo assim, os alunos que iniciavam a escolarização na zona rural tinham que se deslocar para a cidade, a fim de continuar os estudos. Ao freqüentarem escolas urbanas, paulatinamente, iam-se tornando cidadãos urbanos, passando a rejeitar a vida campestre.

Assim, ao analisar os dados da pesquisa, constatei que, daqueles 371 alunos, naturais ou procedentes de zona rural, somente 18 - sendo 15 imigrantes e 3 migrantes diários - estavam residindo no campo, dos quais apenas 5 o faziam voluntariamente.

As respostas dos questionários, que foram agrupadas pela similaridade do conteúdo, atestaram a eficiência do trabalho escolar na formação de novos hábitos nesses alunos, que passaram a achar a vida no campo "impossível", "difícil", "intolerável", "sem futuro", "insuportável", "sem

opções de lazer”, “sem perspectiva de trabalho para quem estuda”, etc.

Muitos colocaram explicitamente que, após estudar: “jamais moraria no campo”, ou “interior é fim de carreira”, ou “não dá mais para morar no interior”, ou, ainda, “na cidade há mais facilidade de estudo, tratamento de saúde e trabalho que no campo”.

Os chefes de família também manifestaram-se pela permanência na cidade, mesmo muitos dos que não haviam estudado após chegarem a Esperantina. Dos 150, apenas 10 desejavam voltar ao campo.

Assim concluí também que as relações entre urbanização e educação escolar, no município de Esperantina, no período 1960/1980, existiram em virtude de a educação ter contribuído decisivamente para a permanência do fluxo imigrado nessa cidade, pela mudança de seus hábitos e valores, em virtude da ação do trabalho escolar.

Essa decisão de fixar residência na cidade, não retornando à localidade de origem após a escolarização, encontra explicação nas teorias de Bourdieu e Passeron (1982), quando afirmam que a educação escolar inculca nos educandos o arbitrário cultural da classe dominante, de Gramsci (1985), ao dizer que ela é um instrumento de reprodução da ideologia dominante e de Paulo Freire (1981), para quem essa educação é “antidialógica”, caracterizando-se pela “invasão cultural”, que impõe aos educandos a visão de mundo da “sociedade matriz metropolitana”.

Constatai, ainda, que as relações entre urbanização e educação escolar manifestaram-se no município de Esperantina, no período estudado, através da emigração de 228 alunos - imigrantes e não migrantes -, de sua sede para outras cidades, tanto para continuar os estudos - em menor proporção - quanto para buscar oportunidades de trabalho que essa cidade não oferecia - a maioria dos emigrados. É significativo o fato de que a quase totalidade dos imigrantes oriundos de zona rural, em vez de retornarem ao campo, onde não lhes faltava trabalho, buscaram outras cidades em que a expectativa de continuar os estudos era uma certeza e a de conseguir trabalho apresentava-se como possibilidades de exercer ofícios condizentes com os seus novos hábitos e valores, adquiridos através da educação escolar, ou seja, trabalhos mais intelectualizados, menos estafantes e em consonância com o novo *status* de cidadãos urbanos que agora se sentiam ser.

As cidades mais procuradas pelos emigrantes foram as de Teresina, para onde seguiram 122 alunos, e a de Brasília, que recebeu 34 emigrados. O espaço coberto pela emigração desses alunos atingiu, entretanto, além dessas cidades, municípios do norte do Estado, próximos de Esperantina, algumas cidades da Amazônia, Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste e, até mesmo do exterior.

Talvez se deva a essa situação - associada à incapacidade relativa do mercado esperantinense para absorver toda a mão-de-obra que lá se formou - o fato de a taxa de urbanização, apresentada pelo município na segunda década estudada ter sido bem menor que a da primeira década, muito embora se apresentasse superior às do Piauí e Brasil, para o mesmo período.

Dessa forma, cheguei a uma outra conclusão, a de que existiram relações entre urbanização e educação escolar no município de Esperantina, no período 1960/1980, também porque a educação atuou como fator de expulsão de fluxos migratórios residentes na sede municipal.

Por fim, mais uma conclusão vislumbrei: As cidades pequenas - como é o caso de Esperantina - atraem fluxos migratórios, principalmente, pelos serviços que oferecem, enquanto as grandes - como Brasília e Teresina - fazem-no, predominantemente, pelo mercado de trabalho de que dispõem.

Pelo que expus, acredito ter ficado demonstrado que as hipóteses levantadas para o presente estudo confirmaram-se ao longo da investigação que efetuei, atestando que no município de Esperantina, as relações entre urbanização e educação escolar existiram no período 1960/1980, tanto pela concentração dos níveis mais elevados e de melhor qualidade dos serviços de educação na sede municipal - condicionando a extração por parte da cidade, de fluxos migratórios do campo -, quanto pelo trabalho pedagógico da educação escolar que, inculcando nos educandos a cultura urbana, condicionou a decisão de permanência nessa cidade - da maioria dos imigrantes -, ou a deliberação de emigrar para outras cidades - de parte desses imigrantes.

As observações que aqui registrei não esgotam a análise do material coletado. Ele é muito rico e pode ser trabalhado por outros vieses tanto da urbanização quanto da educação escolar, podendo contribuir para o aprofundamento desses dois campos de estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe. In: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. **A rede urbana**. São Paulo: Ática, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- IBGE. **Censos demográficos do Brasil. 1940-1991**.
- _____. **Divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas**. Rio de Janeiro: 1972.
- _____. **Regiões de influência das cidades**. Rio de Janeiro, 1987.
- SANTOS, Milton. **A urbanização desigual: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- _____. **Espaço e sociedade: ensaios**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- SJOBORG, Gideon. **Origem e evolução das cidades**. In: **Cidades - a urbanização da humanidade**. Rio de Janeiro: Fajar Editores, 1972. p. 36-51.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 1988.